

# e a catedral não se ergueu...

## conto de Luís da Silva e Costa

Começava a ter a sua lenda de miraculada a Carminda do Cruzeiro, que a gentinha das aldeias parava a olhar com séria curiosidade e já respeitosa superstição. Nos dias de prostração espasmódica, era um borbórinho, um vai-vem interminável lá à porta! Comprimiam-se, acotovelavam-se todos para se abeirarem, havendo ocasiões em que as crianças concorrentes, apertadas por aquela malta «que queria ver», desmajavam, sufocadas.

Há quinze dias se manifestavam aquelas crises, com intermitência. A primeira fora na Igreja, à missa. Docemente —já era branca e macia a sua face— a Carminda empalidecia —e tombava. Várias hipóteses corriam, a pretenderem explicar-lhes a origem.

—Cá p'ra mim, é «sprito». O meu compadre Rachador, quando andava no pinhal do Vale do Pombo, diz que êle lhe apparecera nuns silvedos, seria meia-noite.

—Mas «sprito» de quem, senhora Joaquina?

—Ora vossemecê... Pois de quem havia de ser! Tôda a gente o sabe que o do Martins falecido, por não ter cumprido umas promessas a Nossa Senhora e, ainda, segundo dizem, por explorar os caseiros nas rendas e os criados nas soldadas...

Mas outra explicação começou a correr e a ser ouvida (e era a aceite pelo maior número): a Carminda quando, pela manhã, se dirigia à Igreja pelo Calvário, tinha visto, saindo dos pinheiros meúdos, Nossa Senhora.

O «brasileiro» Saraiva, ca-

beça de abóbora que não parecia ligar-se por qualquer porção de pescoço ao tronco, membros ridículos—quatro estacas espetadas ao cimo e ao fundo dum ventre rotundo—, com o péso dos grossos cabedais, a grande fonte da sua autoridade e seu prestígio, era o grande animador da ideia do milagre.

—Que sim, que era bem provável. Pois não apparecera Ela já num sêco descampado a uns pobres pastoritos? E porque não havia de se ter mostrado a uma rapariga tão recatada, tão cheia de religião, nestas tão lindas terras do Vouga?

—Heir? Veja, seu Tomaz,—dizia êle para o «secretário»— o que não seria para a nossa terra! Uma grande basilica lá no alto (e ia-a traçando no espaço), no montê, aos pés da qual viriam prostrar-se como-vidamente, em baixo, nos campos agora cobertos de milharais, enormes massas de peregrinos. E depois hospitais, hotéis, lucro para o comércio, nome para a terra!

Se as vozes interiores do Saraiva fôsem ouvidas, saber-se-ia que todo êste dinamismo, que todos êstes projectos se geravam numa chocada ideia de «révanche», em vias de efectivação, porquanto ia agora poder gritar importância e grandeza perante os que o tinham visto partir com a saca vazia de emigrante—cabisbaixo, triste, vexado.

E o Tomaz ia-se figurando mentalmente a basilica—maior

que Fátima!—, e então com agua a jôrros...

—Perfeito, perfeito! Mas sim senhor!... E para a religião, que fervor! Forma-se uma comissão, vai-se ao bispo. E acaba-se com essas mulheres perdidas, cheias de filharada péor nos pomares que os pardais no trigo. Volta a moral e o respeito à nossa terra, até.

Cada dia ia mais longe o rumor da aparição. Os grandes diários, em correspondência, já se lhe referiam, e um dos de maior circulação decidiu mandar um enviado especial, que tudo contaria ao grande público, sempre ávido e gososo de acontecimentos de tômo.—Que diabo (exclamara o director) havia que informar os leitores, tanto mais que tinham chegado umas cartas à redacção pedindo informes, detalhes, se havia estradas transitáveis para o local, e por aí além. Pois iriam saber-se as coisas «in loco», e por uma competência no assunto. Estava nas tradições do jornal.

E a competência surgiu uma tarde, de máquina fotográfica a tiracolo, boné, óculos contra o pó, e tripulando um grande automóvel. Alojado em casa do Saraiva, de lá expedia quotidianamente grandes tiras de papel, para a redacção, relatando um grande acontecimento—o milagre—, apontando um benemerito—o hospedeiro.

Certa manhã as vizinhas da «miraculada» repetiam umas às outras a mesma pergunta—

«o que seria?». Altas horas, tinham notado falatório lá para aquêles lados.

—«Eu mato-a! Ai a grande desavergonhada! A grande cadelai...»

O que seria e o que não seria ainda não tinha sido possível a ninguém averiguá-lo. O mistério porém só durou o tempo bastante para que um irmão-zito da Carminda se escapulisse para a rua, a dizer que a irmã tinha lá um menino.

—Era isso—e batiam na testa, olhos arregalados—sim, devia ser isso! Tinham-se ouvido, de mistura com o vozeirão do tio António Francisco, uns vagidos de criança. Ora já se vira uma assim!!!

Não havia memória das mulheres terem tantos canecos de agua para encher nas fontes. Iam e vinham, iam e vinham, parando se encontravam alguém que regressasse do campo—tempo da monda—para o almôço, sobraçando o feixe de milho, a quem interpellavam, equilibrando o caneco. E desfechavam perante o seu estu- por:

—Pois teve um filho!

—Nem me diga essa! Pois onde lhe tinha apparecido a Virgem! Quando lho diziam calava-se, e sempre fervorosa, sempre no tarço, sempre em novenas... Namoros—que não queria.—Que nójo!, dizia com o seu modinho. Ai sempre digo na verdade!...

E pouco a pouco se foi dissolvendo o sensacional caso. Da comissão organizada para dêle tratar junto das autoridades diocesanas, a que o Saraiva presidia, nunca mais houve rumor, e de-certo que os seus membros esfregavam as mãos pela calada, escapos às sanções ecclesiásticas.

## panorama literário

Assinalamos com sincero júbilo a indiscutível melhoria que ultimamente sofreu «O Diabo». Ele abandonou o papel de veículo de opiniões descontradadas e várias para ser, êle próprio, uma opinião. Sem desprezar o que a nossa cultura deve ter de nacional êle integra-se num movimento mais geral, europeu—para nos servirmos da sua própria expressão. São indice seguro do que acabamos de afirmar as suas secções de critica literária, teatral e outras e ainda as suas editoriais, com uma justa visão dos problemas vitais a tratar num jornal essencialmente dirigido ao grande público.

Anuncia-se para breve a saída de algumas revistas. São elas: «Litoral», de Lisboa;

«Sintese», de Coimbra e «Attitude», também de Coimbra. Por outro lado, no seu último número, «Presença» anuncia ir passar por grandes modificações.

Aquillino Ribeiro acaba de publicar um novo romance: «Mónica». A critica a esta obra será publicada no próximo número de «Sol Nascente».

As edições «Cosmos»—Lisboa—estão a publicar em fascículos uma «História Universal» de que é autor o Dr. Macedo Mendes, professor de História da Escola de Belas Artes de Lisboa.

Os quatro fascículos que, até hoje, recebemos, e que compreendem o Egipto, Siria, Me-

sopotâmia e A'sia Menor, apresentam-se profusamente illustrados com varias fotografias, desenhos, mapas e *hors-textes*, em papel *couché*, alguns dêles a côres.

Esta «História Universal», que constará, depois de completa, de quatro volumes, com um total de 50 fascículos de 32 páginas, parece-nos constituir, pelo seu preço acessível e pela clareza com que são versados os assuntos, obra de aconselhar.

Em edição da editorial Cosmos (Lisboa 1937) recebemos: «Terras de Traição—Serpia Pinto em A'frica—1877-1879», do escritor francês Maurice de Moulins, tradução portuguesa do engenheiro E. C. Amaral.

Por oferta da Sociedade Lusso-Africana do Rio de Janeiro recebemos: «Sintese da História económica do Brasil» por Afonso Arinos de Melo Franco, resenha do curso de férias em Montevideo.

Recebemos também: «Brumas» (Março 1938)—colectânea de contos e poesias de Aloisio de Magalhães, com um prefácio de Amadeu Santos.

Do nosso camarada Afonso Ribeiro, que há pouco publicou, em edições «Sol Nascente» o livro de novelas «Ilusão na Morte», sairá brevemente um romance que se intitula «Gleba